



Entrevista Jorge Verboonen

Foi finalmente no dia 04 de dezembro de 1999 que conseguimos ir a Petrópolis para ouvir de Jorge Verboonen mais uma história sobre o Orquidário Binot, o mais antigo orquidário do mundo em atividade.

Combinamos que não iríamos interferir em seu depoimento, queríamos que falasse à vontade, o que quisesse e o quanto quisesse. Fomos recebidos por sua esposa, D. Lourdes, e Jorge estava deitado em um sofá na sala, junto à janela, com vista para o Orquidário. Devido à doença, apresentava visíveis sinais de cansaço, mas isto não foi suficiente para diminuir o seu entusiasmo e falar largamente do Binot. Seu depoimento foi gravado e aqui transcrito. Reproduz de forma clara a sua maneira simples e franca de falar. Foram momentos entrecortados de alegria, tristeza e sobretudo gratidão e saudades do seu grande amigo Rolf Altenburg.

Dia 2 de fevereiro, possivelmente quando ainda transcrevíamos sua entrevista, Jorge Verboonen faleceu. Relendo sua entrevista parece que ainda o vejo falando, contando cada caso..... quem o conheceu certamente sentirá o mesmo.

Amigo Jorge, Todos nós da Orquidário - SBO sentiremos eternamente sua falta. Obrigado por seu trabalho, sua dedicação e seu amor às orquídeas.

Descanse em paz.

Por Paulo Damaso

■ Há quanto tempo o senhor está lidando com orquídeas?

Estou com 59 anos de Orquidofilia. Comecei a trabalhar com orquídeas no dia 15 de janeiro de 1940. Nessa época comecei a trabalhar de baixo. Aprendi mais um ano de datilografia, um pouquinho de contabilidade, mas o que eu queria mesmo era trabalhar. Então, meu pai me disse: "Você quer trabalhar? Está muito bem. Vem trabalhar comigo aqui, mas sem regalias." Quando cheguei no meu primeiro dia de trabalho, meu pai disse para o encarregado, o Feliciano: "Esse é meu filho. Você ensina a ele o serviço, mas sem regalias. Você vai ensinar a ele como é que se cuida de orquídea."

Então, durante alguns meses trabalhei sob as ordens dele. Era como se eu fosse um empregado comum, sem privilégios.

Depois de bem pouco tempo, papai já estava começando a sentir o peso dos anos e já queria me enfronhar mais em todas as atividades do orquidário.

■ Como era em 1940 a Orquidofilia aqui no Rio de Janeiro?

Eram poucos os orquidários. Nessa época, havia o Orquidário Binot, que aliás se chamava Herdeiros de Pedro Maria Binot. Havia o Orquidário Guinle, o Orquidário Stigert e tinha também o Henri Kerki, que era mais amador, mas tinha uma boa coleção.

O nosso orquidário naquela época tinha duas atividades principais que hoje não há mais: uma era a exportação de sementes, sementes de palmeiras.

Éramos um grande exportador. As sementes eram colhidas na natureza e não prejudicavam nada, porque se colhiam somente as sementes. Mas começaram a vir os predadores - as lojas de flores e o pessoal do mercado - que cortavam a cabeça das palmeiras que eram muito ornamentais e as vendiam para o mercado das flores. Então, começamos a ter problemas.

Além disso, tínhamos as orquídeas, e o Orquidário era todo voltado para o corte de flores de híbridos de *Laelia purpurata*, com *gigas*, *warneri*, *labiata*, *trianae*. Não eram flores tão bonitas, não tinham diferentes tonalidades, mas eram plantas floríferas. Os nossos dois maiores clientes para flores de corte eram a Casa Flora Matriz e a Casa Flora Filial, uma na Rua do Ouvidor e outra na Rua Gonçalves Dias. Essas lojas fecharam há muitos e muitos anos, mas devemos lembrar que a grande data para a venda de flores era Finados. Aqui em Petrópolis, além do corte de flores havia também as exposições. As primeiras eram sempre no verão e eram organizadas pelo Ernani do Amaral Peixoto. Não eram exposições só de orquídeas, mas também de flores e legumes, com predomínio de orquídeas (Binot, Guinle...). A coleção do Guinle era muito grande e o que deu impulso nela foram as plantas remanescentes que ele trouxe do parque da Cidade.

■ As exposições tinham muito público?

Tinham muito. As primeiras exposições foram em frente, onde é hoje o Hospital Santa Tereza. Ali era uma repartição do Governo. O público era muito grande, porque, antigamente, Petrópolis era uma cidade de veraneio, o que não é mais hoje, e havia uma população

muito grande no verão, vinda, principalmente, do Rio de Janeiro. Vinham de trem da Leopoldina em vagões especiais para veranistas, jogando cartas - ninguém vinha de ônibus, o trem era um relógio, saía às 7h35min e chegava, impreterivelmente, às 9h10min - coisa de inglês. Em Barão de Mauá pegavam aqueles ônibus de dois andares, o *chopp duplo*, que ia até o Mourisco.

À tarde o trem saía do Rio às 16h30min e chegava a Petrópolis às 18h10min. Na subida o trem era dividido, cada composição com dois vagões, que depois se juntavam para formar a composição integral. No inverno o trem vinha em quatro vagões e no verão chegava a 12. Quando ia ao Rio, nunca me passou pela cabeça ir de mangas de camisa. No verão não só eu, como a maioria dos passageiros iam de terno de linho branco. Usava-se sobre o terno um guarda-pó para que se ficasse protegido da fuligem do trem "maria-fumaça". O trem tinha assinantes que eram aqueles que pagavam por temporada de verão. Por isso, tinham a regalia de tabuleiro na mesa para jogar. Não sei o que jogavam, pois eu viajava sozinho.

■ E lá embaixo, no Rio de Janeiro, também havia exposições?

Sim, havia grandes exposições. A 1ª exposição de orquídeas foi no Automóvel Clube. Depois passaram para o Copacabana Palace com uma frequência muito grande também. No fim de semana eram filas enormes. Você tinha de ficar aguardando a sua vez.

Outras exposições eram no Estádio de Remo da Lagoa e no Hotel Nacional, mas este já foi bem mais para cá. As exposições eram sempre no verão e não vendiam com essa frequência de hoje. Eram exposições para mostrar mais o que se produzia. A venda era relativamente pequena.

Aqui em Petrópolis, houve há algum tempo, durante 3 ou 4 anos, exposições patrocinadas pelo *O Globo* no Palácio de Cristal. Eram exposições de flores, principalmente orquídeas, com uma frequência incrível. Eram dadas medalhas e taças doadas pelo *O Globo* e pela Secretaria de Agricultura.

■ *Sr. Jorge, vocês visitaram muitas exposições no exterior?*

Bem, visitei muitas exposições, mas só depois que o Rolf Altenburg passou a ser sócio aqui do orquidário. As datas tenho que verificar porque o tempo passa depressa e não sei direito (referindo-se à entrada do Rolf como sócio do Orquidário).

O Orquidário Binot foi fundado em 1870, com o nome de Etablissement Binot. Em janeiro de 1940 comecei a trabalhar com meu pai e em 1 de janeiro de 1945 passou a se chamar Orquidário Binot Ltda. Meu pai faleceu em 1953, foi feito o inventário e eu, minha mãe e minha irmã passamos a ter 1/3 do Orquidário, os outros 2/3 eram do meio irmão e da meia irmã de meu pai. O Rolf Altenburg entrou para a sociedade Binot em junho de 1959 (assinatura do contrato) quando comprou a parte de minha tia (a meia irmã acima citada); depois ele comprou a parte de meu tio (o outro meio irmão). Na época ele já tinha a Florália.

O Rolf deu um impulso muito grande ao Orquidário. Ele tinha uma produção de *seedlings* em Niterói e começou a mandar para cá todo o excedente. Começou a construir estufas aqui no Orquidário. Só havia um conjunto de estufas aqui embaixo e outro lá em cima. O resto foi tudo ele que construiu.

■ *Quantos anos durou a sociedade?*

O grande momento histórico foi quando Rolf entrou aqui para o Orquidário. Em setembro de 1976 ele ainda era sócio. Se não me engano, o Rolf deixou a sociedade em 1 de setembro de 1978, que é a data da assinatura do contrato.

O Rolf, um belo dia, chegou aqui no orquidário e disse: *(Nesse momento o Sr. Jorge se emocionou e começou a chorar - não conseguiu continuar a falar, e sua esposa, D. Lourdes, seguiu a narrativa.)*

"Jorge, eu estou muito feliz nesta sociedade com você, mas está na hora de me retirar, porque você vai ter problemas quando eu morrer. Então eu quero sair agora."

Aí, o Jorge responde: "Mas eu não posso comprar sua parte agora, não tenho meios para comprar."

O Rolf disse: "Nós vamos resolver isso. Vamos tratar disso agora. Eu não quero que você tenha problemas mais tarde."

Aí eles fizeram um contrato para o Jorge pagar a longo prazo, mas ele conseguiu pagar a curto prazo.

(Sr. Jorge volta a dar seu depoimento.)

Mas foi um contrato tão bom para mim... eu não queria a saída dele. Eu disse: "Eu não quero que você saia. No momento você é como um catalisador, você não toma parte na sociedade, você não faz nada na sociedade, mas a sua presença é importante. Qualquer problema com um empregado eu digo - mas o Rolf não aprova isso; o Sr. Rolf quer isso assim. Era o que eu chamava de um catalisador. Ele em si não fazia nada, não dava uma ordem, mas eu o usava como um pára-raio para qualquer coisa que houvesse aqui.

E ele disse: "Eu vou sair, eu quero sair."

Eu disse: "Mas como você vai sair, você tem metade da sociedade, metade do patrimônio e eu não tenho recursos?" (Naquela época acho que a venda foi em ORTN).

Ele disse: "Vamos dar um jeito nisso. Quanto é que valem essas estufas, as instalações etc.?"

Eu disse: "Não sei, mas por exemplo (em dinheiro de hoje) isso deveria valer em torno de R\$ 100.000,00."

Rolf respondeu: "Então você vai me dar R\$ 35.000,00." (E todo valor que eu apresentava, ele dava um outro valor mais baixo.) E eu ainda disse: "Temos dinheiro em banco e você tem a metade deste dinheiro."

Então Rolf respondeu: "Não, você não pode tocar o orquidário sem dinheiro. Isso não entra no negócio. O dinheiro que a firma tem em banco é seu e, se quiser, com ele pode começar a pagar as minhas cotas."

E foi assim que, em pouco tempo, acertamos tudo. Ele tinha me dado quase 10 anos para pagar e eu acabei pagando em cerca de 7 ou 8 anos.

No fim ele disse: "Você foi a única pessoa correta que conseguiu me pagar tudo. Você foi o único que cumpriu a palavra. Acho que foi um excelente negócio."

Depois disso continuamos amigos por

muitos anos. Toda semana ele vinha aqui a Petrópolis, vinha ver o Orquidário e sempre me convidava para jantar. Foram muitas vezes até sua morte que ocorreu no final dos anos 80, início de 90 talvez.

■ *O senhor deve ter conhecido muitos orquidários lá fora.*

Bem, conheci os orquidários lá fora depois que o Rolf entrou como sócio. Se eu me lembro bem, a primeira viagem que fiz foi em 1960 aos Estados Unidos. Não me lembro bem da cidade. Não foi Los Angeles, mas deu uma trabalhadeira terrível. Levei várias plantas do Rolf para expor lá. Levar essas plantas floridas, tudo encaixotado... depois fomos à Noruega, Dinamarca, Holanda etc. Conheci quase toda a Europa. A Lourdes sempre reclamava de uma viagem que fizemos e visitamos 37 estabelecimentos de orquídeas.

■ *Mas dessas viagens o que você viu de interessante?*

A gente via muitas plantas de todos os continentes. Cada firma daquela tinha uma especialidade de orquídeas como Africanas, Extremo Oriente, China, Japão também, e a gente via uma apresentação grande de plantas. Foi do Canadá também, de onde eu trouxe um lote de *Oncidium esphacelatum*, que hoje está com flores aí no orquidário, com umas hastes de mais de 0,5m.

■ *Sr. Jorge, de que gostava mais, quais as plantas que lhe impressionavam mais?*

Gostava mais de *Cattleyas*. Ultimamente, quer dizer, de uns 5 anos para cá é que mudei. Tenho gostado muito de *Masdevallias* híbridas e naturais como a *Masdevallia vampira*. Quer dizer, até uns 5 anos atrás tudo era *Masdevallia*, agora passou a *Dracula*, *Dryadella*, uma porção de coisas, não sei até onde isso dá, com tantas mudanças. A *vampira*, não sei se você já viu florida, mas com todas aquelas flores e principalmente à noite, acho que por causa da umidade, fica linda. É pena que dure tão pouco a floração - cerca de 4 a 5 dias já começa a murchar. Mas a *vampira* é uma flor muito interessante.

ABSTRACT

Brazilian orchid lovers suffered a sad loss on February 2nd, with the death of Jorge Luis Verboonen, after a long illness. Mr. Verboonen was the owner of Orquidário Binot, one of the best-known orchid nurseries in the country (besides being possibly the oldest commercial orchid outfit worldwide, having been established in 1870!). A few weeks before his passing away, Mr. Verboonen granted Orquidário a rare interview, at his lovely home on the nursery premises. The interview is on the following pages. Clearly weakened by his illness, he nevertheless had the strength to tell us about Binot's history, and his part in that history, since he started working there as an apprentice, in 1940. His long-time friendship and business association with Rolf Altenburg, the late owner of Florália, was remembered with gratitude and emotion. He also recalled some interesting aspects of life in Brazil during the 40's and 50's. He will be dearly missed. Mr. Verboonen will be succeeded by his dynamic 42-year-old son, Maurício, who is in charge of taking Orquidário Binot into the 21st century.

■ *O senhor tem lembrança da 1ª orquídea que viu florir ou que viu na natureza?*

Não, porque nunca fui muito na natureza. Fui uma vez a Maricá com o Exdras. Ele queria me mostrar *guttata*, a *intermédia*; mas era só para ver, não era para colher. Era só para me mostrar como cresciam pela natureza. Praticamente nunca fui à mata.

■ *No orquidário, qual a planta que o senhor lembra como a mais antiga?*

A planta mais famosa quando comecei a trabalhar aqui era a *Bc. Madame Charles Morron*, que também chamavam abreviavam de *Bc. Marron*.

■ *O que se fazia e não se faz mais?*

Ah! Tantas coisas. Por exemplo, uma coisa que meu pai fazia e eu continuei fazendo, mas

Paulo Damaso
e Carlos
A. A. de Gouveia,
responsáveis
por esta emocionante
entrevista com
Jorge Verboonen



fiz até o ano de 1951/52, era a estatística das flores. Depois, quando a quantidade de flores começou a aumentar, não deu mais. Quando tirávamos a nota fiscal, a gente anotava na NF quantas flores de cada tipo de planta. Hoje basta escrever "tantas" flores de *Cattleya* e pronto.

Aliás, ainda tenho anotado, mês a mês, ano a ano, quantas flores tínhamos produzido. Isso não tem nenhum valor hoje. Apenas a gente pega assim e diz: "como era bom aquele tempo que tínhamos tempo para fazer isso aqui...", anotar, passar a limpo..." Não teria hoje qualquer valor. Também o Orquidário Binot, não é que esteja dividido em dois, mas nós temos um outro orquidário, lá em Itaipava. Não sei se vocês conhecem, mas é o Orquidário da Lajinha, e é lá que se produz a maior quantidade de flores. Até há 2 ou 3 anos atrás não havia visitação nenhuma. As flores são cortadas e trazidas para cá e fornecidas para o Rio como sendo flores do Orquidário Binot, para facilidade da contabilidade.

O clima de Itaipava é muito diferente do daqui de Petrópolis. Às vezes aqui está nublado com aquela garoa e lá está o tempo aberto, sem sol, é verdade, mas com a temperatura 3-4° a mais que aqui e mais seco. A umidade lá é mais baixa. Também há cerca de 3 anos deixamos de ser simplesmente orquidário. Hoje somos orquídeas e bromélias - é incrível a quantidade de bromélias que se

encontra hoje. Antes eram apenas aquelas poucas plantas que se viam aqui, agora tem da América do Sul, América Central.

■ Sr. Jorge, e o orquidófilo? Em que mudou? Como é hoje?

Acho que não há um perfil para todos os gostos. Ele quer ter uma flor perfeita, e tem uma gama de variedades para todos os gostos. Hoje há uma inversão, é muito mais fácil vender plantas no Nova América do que num Shopping da Zona Sul. Lá eles ficam pechinchando e não levam. Quer dizer, o mercado tem mudado e o da Zona Norte é melhor do que o da Zona Sul.

■ Nesse tempo todo de orquidofilia, qual a sua maior tristeza e satisfação?

Um momento muito desagradável que tivemos aqui foi no mês de agosto, não me lembro em que ano, quando uma chuva de pedra quase destruiu o orquidário. Foi um grande problema mesmo, mas com o tempo foi tudo resolvido.

Do momento de maior satisfação ou emoção não me lembro, em geral sou meio tranquilo, muito frio...

■ Então, Sr. Jorge, uma mensagem para encerrar a entrevista.

"Muitas felicidades para a Orquidário, muita coragem e que sempre alcance seus objetivos." ▼